



## Lógicas de reprodução social, trajetórias produtivas e gestão do meio natural de agricultores familiares no sudoeste do Pará, Brasil

### Logics of social reproduction, trajectories productives and management of the natural environment of family agriculture in southwestern Pará, Brazil

*Carla Giovana Souza Rocha* – Mestre em desenvolvimento, agricultura e sociedade pela Universidade Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)/Brasil-Rio de Janeiro- Seropédica; doutoranda em Desenvolvimento Rural (UFRGS). E-mail: crocha@ufpa.br

*Jalcione Almeida* – Doutor em Sociologia pela Universidade de Paris X-Nanterre; professor dos Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) e de Sociologia (PPGS). E-mail: jal@ufrgs.br

---

#### Resumo

A partir de um conjunto de imagens foi O objetivo é identificar e analisar as lógicas de reprodução social em sua relação com as práticas de gestão do meio natural, para refletir sobre as possibilidades de mudanças socioprodutivas que favoreçam a diminuição do desmatamento na região da Rodovia Transamazônica, estado do Pará. Tem-se como aporte teórico-analítico a abordagem sobre reprodução social sugerida por Claude Raynaud, assim como as noções de experiência social e lógicas de ação de François Dubet. Apesar da relevância recente dada à questão ambiental, verifica-se que as mudanças socioprodutivas locais têm relação direta com a própria trajetória do sistema de produção e o ciclo de vida familiar. Oito lógicas de reprodução social são identificadas, em estreita ligação com as trajetórias produtivas, a gestão dos elementos do meio natural e as relações sociais na região estudada.

#### Abstract

The objective is to identify and analyze the logics of social reproduction in its relationship with the management practices of the natural environment by reflecting on the possibilities of socioproductives changes that favor the reduction of deforestation in the region of the Transamazônica, state of Pará. Its theoretical and analytical contribution has the approach about the logics of reproduction suggested by Claude Raynaud, just as notions of social experience and action logics of François Dubet. Despite the recent importance given to environmental issues, it appears that the local socioproductives changes have direct relationship with the own trajectory of the production system and the family life cycle. Eight logics of social reproduction are identified in close liaison with the trajectories productive, the management of features of the natural environment and social relationship in the studied region.

---

#### Palavras-chave

Reprodução social. Agricultura familiar. Meio ambiente.

---

#### Keywords

Social reproduction. Family agriculture. Environment.

## INTRODUÇÃO

A sustentabilidade das atividades agropecuárias e extrativistas na Amazônia tornou-se um dos principais focos da problemática ambiental construída ao longo das últimas décadas, geralmente justificada pelas mudanças climáticas negativas, atribuídas, em parte, ao desmatamento e às queimadas da floresta tropical, pelo apelo à proteção da biodiversidade e pela melhoria das condições de vida da população local, via o estabelecimento de alternativas produtivas menos degradantes ao ambiente e que valorizem o uso manejado dos elementos do meio natural.

Para pensar o desenvolvimento rural e a problemática ambiental na Amazônia, será abordada a situação dos agricultores familiares da microrregião de Altamira, frente à recente pressão para cumprimento da legislação ambiental. Esta microrregião tem na rodovia Transamazônica um dos principais eixos de acesso, juntamente com o rio Xingu, constituindo-se em um dos centros das políticas de expansão territorial na Amazônia, primeiro pelo extrativismo da borracha; e depois pela colonização agrícola iniciada na década de 1970. Esta é uma típica área de fronteira, ainda em intensa transformação socioambiental.

Em um contexto recente de pressão para atender às metas nacionais de diminuição do desmatamento na Amazônia e pelo cumprimento da legislação ambiental, cria-se um ambiente favorável às mudanças nas práticas socioprodutivas das famílias de agricultores, ao mesmo tempo em que se instala um ambiente de descontentamento e de negociação entre poder público e sociedade civil. Para os agricultores familiares, a questão é a falta de apoio governamental para a produção agrícola, pois a proibição das queimadas e das derrubadas na floresta significa mudanças profundas na reprodução social.

A reprodução social é aqui entendida como um processo dinâmico de perpetuação do sistema social, que só pode ocorrer a partir de renovações, transformações e adaptações, de acordo com as condições sociais e naturais disponíveis, admitindo-se a contínua tensão entre permanência e mudança (RAYNAUT, 1994). Nesta direção, o objetivo deste texto é caracterizar e analisar as lógicas de reprodução social em sua relação com as práticas de gestão do meio natural, refletindo sobre as possibilidades de mudanças socioprodutivas que favoreçam a diminuição do desmatamento na região.

Além desta introdução, o artigo trata, na sequência, da metodologia, na qual constam a localização da área de estudos e a caracterização das localidades tomadas como casos ilustrativos da região estudada; apresenta e discute as lógicas

de reprodução social em seus aspectos sociais, materiais e demográficos, e a síntese das discussões. Por último, são feitas algumas considerações.

## 1 AS LOCALIDADES ILUSTRATIVAS DA REGIÃO ESTUDADA E A METODOLOGIA UTILIZADA

Este estudo foi realizado na microrregião de Altamira, no estado do Pará, constituída pelos municípios de Altamira, Anapu, Brasil Novo, Medicilândia, Pacajá, Placas, Senador José Porfírio, Vitória do Xingu e Uruará, tomando como referência as localidades que têm como via de acesso a rodovia Transamazônica, e que foram ocupadas a partir de 1970, sob a égide do governo militar. Este trabalho apresenta uma discussão preliminar, com base em um estudo sobre as lógicas de reprodução social nos casos empíricos investigados e suas análises terão continuidade buscando maior aprofundamento.

A partir de estudos regionais como o de Sablayrolles et al. (2003) e de Castellanet et al. (1998) e informações prestadas em entrevistas com agricultores, técnicos e lideranças sindicais, foram identificadas seis localidades rurais em quatro municípios, que foram tomadas como ilustrações dos processos em curso, notadamente as características em relação às diversidades sociais e à heterogeneidade do meio natural da microrregião.

Antes da seleção final dos locais de pesquisa foi realizada visita exploratória nas seis localidades e foram escolhidas a Vicinal da Dez, no município de Brasil Novo; a Vicinal do 85 Norte, no município de Medicilândia; e a Vicinal do 338 Norte, no município de Pacajá (Quadro 1).

Nestas localidades rurais são identificadas três zonas de ocupação: a oficial, a de ocupação espontânea e a de regularização via projeto de assentamento. A zona de *colonização oficial* se deu logo após a abertura da rodovia Transamazônica, no início década de 1970, referindo-se à faixa que dista de 8 a 12 quilômetros da margem da rodovia. A zona de *ocupação espontânea* (não direcionada pelo poder público) teve início nos anos de 1980 e trata-se da expansão da zona de colonização, com instalação das famílias nas áreas de floresta primária. A zona mais recente de assentamento constitui as ocupações espontâneas iniciadas na década de 1990, com posterior regularização fundiária via a criação de *projetos de assentamento* (PA) pelo INCRA, apesar de muitos PAs ainda não terem sido demarcados fisicamente.

Foram entrevistadas 60 famílias ao longo de toda a Vicinal com o objetivo de abranger todas as épocas e formas de ocupação. Em relação ao número

de famílias entrevistadas, a perspectiva da pesquisa foi de trazer casos que ilustrem a diversidade de lógicas encontradas na microrregião e não a busca pela representatividade estatística (Quadro 1).

Quadro 1: As localidades escolhidas para realização da pesquisa.

Localidade	Município	Localização	Principais épocas de ocupação
<b>Vicinal da Dez</b>	Brasil Novo	A 12 km da cidade de Brasil Novo e a 30 km da cidade de Altamira. Possui mais de 60 km de extensão, a estrada continua encontrando com outra localidade denominada por Capembas.	1971-área de colonização oficial (até 12 km); Década de 1980-ocupação das glebas (PA Penetecaua criado em 1998); 1998-ocupação no último trecho – mais de 50 km; início houve forte atividade madeireira.
<b>338 Norte</b>	Pacajá	A 25 km da cidade de Anapu, a 60 km da cidade de Pacajá e a 160 km da cidade de Altamira. Possui cerca de 50 km de extensão.	1973-colonização oficial até 8 km; 1979-ocupação das glebas (criação do PA Bom Jardim em 1997); 2000-ocupação mais recente a 30 km da faixa, ainda tem presença de atividade madeireira.

Fonte: Pesquisa de campo (2011).

A escolha dessas famílias foi guiada pelo interesse em estabelecer *casos ilustrativos das diferenciações observadas na região*, seja do ponto de vista da heterogeneidade do meio natural (solos, disponibilidade de água e de floresta), seja da diversidade social (tempo de moradia, idade dos casais, atividades agrícolas e não agrícolas desenvolvidas, nível de renda familiar).

Assim, dirigiu-se a escolha das famílias buscando os *casos ilustrativos da diversidade regional*. Inicialmente contou-se com o auxílio dos mediadores locais para indicar famílias que se enquadrassem nos critérios de diversidade de ciclo de vida familiar, tempo de ocupação do lote, tipos de atividades desenvolvidas, fontes de receitas e que tivessem moradia fixa no estabelecimento agrícola, objetivando atender ao critério da diversidade social e produtiva. A partir destas primeiras famílias entrevistadas, foram obtidas mais informações para auxiliar na escolha de outras dentro dos mesmos critérios.

As entrevistas semiestruturadas foram acompanhadas de percursos de campo nos estabelecimentos agrícolas, para observação das parcelas cultivadas e do meio natural, assim como das práticas agrícolas. Foram realizadas entrevistas com interlocutores pioneiros sobre a história da localidade e questões socioambientais previamente definidas em roteiro próprio. Também foram realizadas entrevistas com mediadores técnicos e lideranças locais sobre a realidade regional e a atuação das entidades.

Os dados qualitativos e quantitativos gerados nas entrevistas foram sistematizados em planilhas Excel e no programa N-Vivo 7.

## **2 LÓGICAS DE REPRODUÇÃO SOCIAL DE AGRICULTORES FAMILIARES DA MICRORREGIÃO DE ALTAMIRA**

Raynaut (1994) considera o sistema global em sua articulação entre as dinâmicas internas e fatores externos (lógicas externas), em dois planos complementares associados a um único sistema global. As dinâmicas internas seguem três lógicas de reprodução (*social, material e demográfica*), imersas no campo das representações e ideias, colocadas tanto como constitutivas de cada uma das lógicas específicas, quanto como campo particular, com sua coerência e dinâmicas próprias. As diversas lógicas (implícitas ou explícitas) específicas se definem cada qual em função de um projeto que corresponde a um aspecto particular do processo global.

A *reprodução social* é o campo onde se ordenam as relações sociais, onde se organizam as instituições e se confrontam as estratégias particulares, indicando que é impossível analisar a mudança sem levar em consideração essas lógicas sociais, sem identificar os atores nelas envolvidos e sem analisar as estratégias por meio das quais estes intervêm no sistema social.

A *reprodução material* é o campo onde se combinam os fenômenos que formam a sustentação material do sistema social, onde ocorre a articulação entre as condições do meio, os procedimentos técnicos empregados para sua exploração, as representações sociais subjacentes a estas técnicas e as formas de organização que permitem sua utilização.

E a *reprodução demográfica* corresponde ao domínio onde se articulam fenômenos, por meio dos quais uma população se perpetua enquanto entidade demográfica. Considera-se que neste campo está o ponto de convergência entre as condições do meio natural, os mecanismos biológicos próprios ao corpo humano e as práticas sociais referentes à saúde, à fecundidade e às migrações.

Em seu trabalho sobre a diversidade e dinâmica das relações sociedade-natureza na África Saheliana, Raynaut (1997) analisa as diferenciações e mudanças nestas relações, elaborando uma tipologia das situações locais, a partir da combinação que associa o meio natural, os sistemas de produção e os sistemas sociais, concluindo que as relações entre os seres humanos e a natureza não estão somente fundadas nas necessidades materiais, mas também existem os elementos imateriais, como os que fazem parte da cultura, suas interpretações mentais, formas de organização, conflitos etc. Este autor conclui que o paradoxo é que um sistema se perpetua na medida em que se transforma, o que inclui as relações sociedade-natureza. Assim, “a mudança é condição para a reprodução” (RAYNAUT, 1997, p. 369). Outrossim, a reprodutibilidade ecológica de um agroecossistema pode ser afetada negativamente pela antropização, tornando a mudança um elemento que compromete a capacidade de resiliência do sistema, mas não necessariamente a destrua. Por outro lado, a degradação ambiental e a perda da diversidade biológica podem afetar a reprodução social dos agricultores, mas não necessariamente a inviabilize.

Os conceitos e noções advindas de Raynaut requerem uma discussão sobre as lógicas de ação dos seres humanos na busca de garantir sua reprodução social. A partir da compreensão de Dubet (1994), podem-se analisar as lógicas de ação e as mudanças nas mesmas como sendo orientadas pela experiência social, noção utilizada para designar as condutas individuais e coletivas dominadas pela diversidade dos seus princípios constitutivos, e pela atividade dos indivíduos que devem construir o sentido das suas práticas no próprio seio desta diversidade, “que não podem ser redutíveis a puras aplicações de códigos interiorizados ou a encadeamento de opções estratégicas que fazem da ação uma série de decisões racionais” e de interesses (DUBET, 1994, p. 15, 93).

A experiência social combina várias lógicas de ação. Assim, a compreensão de como os agricultores combinam e articulam as diversas lógicas, tentando “compreender quais são as diferentes lógicas do sistema social mediante a forma como os atores as sintetizam e as catalisam tanto no plano individual como no plano coletivo” (DUBET, 1994, p. 112).

Para Dubet, cada experiência social resulta da articulação de três lógicas de ação: a *integração*, a *estratégica* e a *subjetivação*. Cada ator individual ou coletivo adota necessariamente esses três registros da ação, que definem simultaneamente uma orientação visada pelo ator e uma maneira de conceber as relações com os outros. Na lógica de integração, o ator define suas ações pelos pertencimentos, visando mantê-las ou fortalecê-las no seio de uma sociedade, considerada, então, como um sistema de integração. Na lógica estratégica, o ator age a partir da

visão que tem dos seus interesses em uma sociedade concebida então como um mercado, ou seja, suas escolhas se baseiam nas vantagens econômicas obtidas. No registro da subjetividade social, o ator representa-se como um sujeito crítico, confrontado com uma sociedade definida como um sistema de produção e de dominação (DUBET, 1994, p. 113).

As lógicas de reprodução social são conformadas na experiência social e por meio de ações e decisões familiares. Neste estudo foram identificadas *oito lógicas* de reprodução social, apresentadas a seguir. Estas lógicas enfatizam: (i) as trajetórias produtivas; (ii) as estratégias socioeconômicas e a influência das dinâmicas econômicas regionais; (iii) a gestão dos elementos do meio natural; e (iv) os projetos familiares e as relações de parentesco.

## 2.1 LÓGICA UM: SUCESSÃO HEREDITÁRIA E PRODUÇÃO DINÂMICA

As famílias (cinco) são constituídas por casais idosos e aposentados, possuem filhos ou netos como sucessores, apresentam sistema de produção dinâmico e pouca contratação de mão de obra, geralmente por meio de pagamento de diárias ou de empreitada. Essas famílias residem há 35 anos no lote atual, e as áreas dos estabelecimentos agrícolas situam-se entre 77 e 103 hectares (ha). Na atual fase de sua trajetória houve o abandono do plantio de arroz, milho, feijão e mandioca ou ainda mantêm pequenas áreas plantadas em vegetação secundária, sendo que duas famílias plantam arroz no lote de vizinhos que têm floresta disponibilizada para ampliar a área de cultivo. A finalidade destas roças é de assegurar o consumo familiar e a manutenção de pequenas criações.

Estes sistemas já apresentam escassez de floresta, com o percentual desta variando de 9 a 40% da área total dos lotes. Os agricultores consideram seu solo mais adequado para o plantio de pastagem devido a sua textura arenosa, o que reforça a escolha pela criação bovina e a manutenção de plantéis que variam de 25 a 60 cabeças de gado, sendo que uma família tem mais de 30 cabeças no sistema à meia.

Todas as famílias pararam de plantar roças de arroz ou diminuíram suas roças de cultivos anuais ou lavoura branca (arroz, milho e feijão), porque se trata de casais de idosos, com menor disponibilidade de força de trabalho e devido terem pouca floresta, preferindo poupá-la.

Não planto mais arroz porque a terra não dá porque tenho pouca mata. No início trabalhei muito perdido, sem experiência na terra ruim. Perdi 3, 4 anos com milho, plantava fora do tempo. Fui plantando

capim, mas não zelava do que tinha. Plantei pimenta, colhi por 14 anos, fiz outro cultivo, mas morreu tudo com doença. Todo ano e em todo canto plantava arroz e deixava o capim. O meu plano é manter os pastos. Não sou conformado só com aposentadoria. Não gosto de comprar lavoura branca, o arroz comprado vai mais rápido. Os filhos não gostam de plantar arroz, feijão, dá muito trabalho e eles acham que não dá resultado econômico. (Sr. E., agricultor pioneiro, Medicilândia).

Quatro das cinco famílias que compõem este grupo têm plantado cacau, sendo que uma família tem 12.000 pés, subdivididos entre seis filhos adultos. Entretanto, o gado é considerado como a principal fonte de receita agrícola, e a aposentadoria a principal receita não agrícola. Pode-se afirmar que os objetivos destes sistemas estão voltados a assegurar a permanência de parte dos filhos (ou netos) no estabelecimento agrícola, garantir receitas agrícolas, principalmente a partir da criação extensiva de gado e, dependendo da potencialidade do solo e da força de trabalho dos filhos, também pretendem investir no plantio de cacau ou café.

## 2.2 LÓGICA DOIS: APOSENTADOS COM PRODUÇÃO ESTAGNADA

Nesta lógica as famílias (sete) são constituídas por genitores idosos, tendo a aposentadoria como a principal receita monetária, que assegura as necessidades familiares e o pouco investimento no sistema de produção.

A falta de perspectivas quanto à sucessão hereditária dos lotes, a saída dos filhos (com a pequena ajuda de parentes) e o frequente acometimento de doenças levam as famílias a pensar na possibilidade de venda dos estabelecimentos. O dinheiro advindo da venda das terras possibilitaria a instalação na cidade, já que os estabelecimentos agrícolas são o patrimônio de maior valor.

Em algumas situações familiares são expostas as contradições nos projetos dos filhos e dos pais, levando ao desinteresse daqueles em permanecer no estabelecimento dos pais:

Os filhos querem vender o lote porque não dá cacau, falam que a terra não presta, mas aqui é sadio, todo mundo me conhece, acho bom; nenhum filho quer assumir o lote, mas eu pretendo conseguir financiamento para limpar os pastos, cercar e arrumar mais gado à meia (Sr. B., agricultor pioneiro, viúvo, Medicilândia).

As famílias residem entre 17 e 32 anos em seus lotes atuais, e não estão usando a floresta para plantio de cultivos anuais (utilizam apenas a capoeira).



Alguns abandonaram o plantio desses cultivos, por considerarem que não compensa, pela quantidade de trabalho dedicado e preço de venda, preferindo a compra desses produtos no mercado local. A floresta e a força de trabalho estão escassas e passam a priorizar a manutenção da criação bovina e o plantio de novas parcelas de cacau.

O interesse em aumentar a área de pastagem já não é o principal objetivo, pois consideram que têm pastagem em quantidade suficiente, mas identificam a necessidade de reformar os pastos degradados. A trajetória deste sistema de cultivo na região segue, em geral, o que diz o agricultor a seguir:

Antes, a questão era plantar arroz, cada um queria plantar mais do que o outro, saiam perguntando: quantos litros você plantou? Plantei urucum financiado para custeio, café, pimenta [...]. Ah, se tivesse plantado cacau! Quando chegamos no lote, o pensamento era gado. Mexer com lavoura branca é melhor do que mexer com pouco gado. O arroz só dá se queimar, então parei de plantar; o arroz na terra arada precisou de muitas diárias e não produziu bem. Faço roça pequena na terra mecanizada há 3 anos, de mandioca, feijão, milho, e em parte planto cacau. (Sr. J. R., agricultor pioneiro, Pacajá).

As áreas dos lotes variam de 15 a 102 ha e as de pastagens de 5 a 45 ha. A percepção sobre a fertilidade dos solos, os objetivos familiares e os meios disponíveis levaram as famílias a buscar sistemas de produção que combinam a criação de gado bovino em pequena escala (de 1 a 20 cabeças) e plantio de cacau; ou gado bovino e produção de farinha de mandioca, complementando com pequenas roças de mandioca, milho e feijão.

As áreas de floresta estão entre zero e 50% do lote, sendo que as duas famílias que possuem cerca de 50% de floresta foram as que tiveram suas trajetórias produtivas mais influenciadas pelos cultivos definitivos de ciclo longo (pimenta-do-reino, café e cacau) e, em menor escala, pelo gado bovino. Nestes casos, a floresta foi poupada pela inserção do cultivo definitivo e diminuição na implantação de pastagem.

Verifica-se nas trajetórias das famílias que as mesmas se encontram em uma fase de estagnação do sistema de produção e expectativa de saírem de seus estabelecimentos e da agricultura. Muitas famílias passaram pela fase de apogeu em parte das décadas de 1980 e 1990, promovida pela boa produção de pimenta-do-reino e cacau, assim como tinham rebanhos bovinos maiores e melhores condições de pastagem. Atualmente ficam na dependência de disponibilidade da mão de obra de familiares ou de contratação; a produção das parcelas remanescentes de pimenta-do-reino são acometidas de doenças e não possuem capital para investimento em reformas de pastagens e novos plantios.

### 2.3 LÓGICA TRÊS: SISTEMA GADO-CACAU E AS RECEITAS NÃO AGRÍCOLAS

São três famílias que possuem sistemas de produção estabilizados em termos de produção, e asseguram valores de receitas agrícolas acima da média para as famílias das localidades pesquisadas, complementadas por receitas de aposentadorias e serviços de intermediação e transporte de gado. Os casais mais idosos contam com apoio dos filhos, que trabalham em total parceria com os pais, mantendo os processos de sucessão hereditária para a permanência dos filhos homens.

As áreas dos lotes variam de 150 a 296 ha, com presença de solos de boa fertilidade química e aptos ao bom desenvolvimento e produção de cultivos permanentes, como o cacau e café. Estas características potenciais influenciam nas decisões em estabelecer sistemas de produção baseados na criação extensiva de gado de corte e, mais recentemente, no cultivo de cacau.

As áreas de cacau variam de 15 a 45 ha, com parcelas de 12.000, 18.000 e 50.000 pés de cacau, e produções anuais que totalizam receitas entre R\$ 31.000,00 e R\$ 96.000,00. A força de trabalho familiar não é suficiente para realizar os tratamentos agrícolas; e para a colheita do cacau é necessário contratar trabalhadores (duas famílias fazem contratação de meeiros).

Dentre as mudanças ocorridas na gestão da terra, destacam-se a diminuição no desmatamento e o uso de áreas de pastagem para plantio de cacau. Junto com estes elementos de gestão, também está sendo ampliado o uso de herbicidas e de adubo mineral na região. Segundo um entrevistado, a diminuição no ritmo de desmatamento não tem relação com a pressão para cumprimento da legislação ambiental, mas à percepção da utilidade da floresta para o seu sistema:

Parei de desmatar, não foi pensando no governo, foi pensando no futuro, a mata tem utilidade. Utilizo a área do pasto antigo desde 2009 para plantio de cacau e lavoura branca. Retiro o pasto com uso de tratores, roço o capim e a juquirá, queimo e uso adubo no plantio, aplico o veneno [herbicida] após a saída dos brotos do capim; dá para plantar cacau sem queimar, mas demora mais. Na área de capim de terra boa dá para plantar o milho dentro do cacau sem queimar; coloco adubo na cova do cacau, mas tem que colocar veneno quando o capim brotar. (Sr. G., agricultor pioneiro, Medicilândia).

Para outros agricultores, a maior mudança foi inserir o cultivo de cacau no sistema de produção e, com isto, ocupar a terra com as parcelas de cacau, ao invés de ocupá-la com capim após a roça de cultivo anual:

Desde a chegada ao lote o interesse era mais o capim e a lavoura branca. Comecei a plantar cacau em 2000, tenho cerca de 12.000 pés produzindo e cerca de 3 alqueires plantados, quero chegar a 30.000 pés. A maior mudança que houve foi começar o serviço do cacau, parei com capim (o capim que tenho já é suficiente), agora faço roça para ficar o cacau. (Sr. E., agricultor, Pacajá).

## 2.4 LÓGICA QUATRO: PRODUÇÃO DE FARINHA DE MANDIOCA EM PARCERIA

Há famílias da Vicinal da Dez que passam por indefinições nos projetos familiares, como a permanência ou não na agricultura. O sistema de produção está em fase inicial de implantação nos lotes próprios, pois anteriormente viviam nos estabelecimentos dos pais. O destaque produtivo é a fabricação de farinha de mandioca para comércio local.

Os casais entrevistados (dois) possuem cinco e dez anos de instalação no lote próprio, sendo filhos de agricultores que já estavam na Vicinal desde a década de 1980, um recebendo o lote de 92 ha como partilha da herança, e o outro comprando 30 ha próximos ao lote da mãe.

As condições do solo menos favoráveis na localidade e a grande disponibilidade de vegetação secundária (capoeira) influenciam o cultivo da mandioca para a produção de farinha. O trabalho para a produção de farinha é concentrado e contínuo ao longo da semana, e geralmente reúne toda a família e, quando necessário, há ajuda de parentes e vizinhos por meio da troca de dias de serviço. Essas relações sociais na localidade são essenciais para a manutenção dessa atividade.

A maior oferta de emprego e serviços na construção civil nas cidades próximas e pelas empresas construtoras da hidrelétrica de Belo Monte tem influenciado nos projetos familiares, com saída de membros para trabalhar como carpinteiros.

Em relação aos planos para uso da terra, as duas famílias objetivam abandonar a produção de farinha e consolidar seus sistemas na criação de gado bovino, a partir da recuperação e implantação de novas pastagens:

Nestas terras plantio só de mandioca, pimenta e capim (não pode colocar gado demais senão vira só juquirá). Minha terra não é boa para cacau, talvez tenha que adubar (de onde tirar o dinheiro?), pois a produção é fraca, não dá para tirar o trabalho. Próximo a casa é mais barro, do meio para a beira do igarapé é mais areia. Na terra arenosa a terra é mais mole e a mandioca deve dar melhor, mais fácil arrancar. Mandioca dá em toda terra; mas o arroz e feijão nem todo lugar que dá porque a terra é fraca é por veia de

terra [faixa de solo com as mesmas características]. Às vezes o problema não é nem a terra, mas os bichos e pragas (Sr. J. N., agricultor, Brasil Novo).

A estratégia socioprodutiva é a de se manter na agricultura a partir do trabalho com familiares (irmãos e pais), fazendo farinha para garantir as receitas necessárias para a manutenção da família. No entanto, o mais provável é a venda do estabelecimento e a ida para o meio urbano.

## 2.5 LÓGICA CINCO: PECUÁRIA BOVINA E CULTIVO DE CACAU EM ASCENSÃO

As onze famílias inseridas nesta lógica estão de 4 a 32 anos nos estabelecimentos atuais e algumas enfrentam dificuldades no processo de sucessão hereditária, devido à saída dos filhos, visando à continuidade dos estudos ou busca por empregos nas cidades. Somente uma pequena proporção da mão de obra familiar está disponível para o trabalho em seus próprios lotes. Desta forma, a maioria das famílias depende de contratação de mão de obra externa, por meio de empreitada e pagamento de diárias para as atividades de colheita e poda do cacau, limpeza de pastagens e plantio e colheita de cultivos anuais.

A principal característica produtiva está na ascensão do cultivo do cacau em uma trajetória que antes destacava a lavoura de cultivos anuais e a criação de gado, ou seja, são famílias que combinam em seu sistema de produção o gado bovino e que, mais recentemente, estão inserindo o cultivo de cacau em seus estabelecimentos, localizados em áreas que não têm as condições de solo consideradas ideais para desenvolvimento do cacau:

O plano é plantar mais cacau, manter a mata, plantar mais pasto na juqueira. Não dá para fazer roça este ano porque já vou queimar muito pasto, mas no próximo ano vou colocar pasto e aproveitar para colocar lavoura branca. Agora é melhor comprar milho, arroz, farinha. O medo de queimar é por causa do cacau do vizinho. Também o vizinho pode fazer queimada e entrar no meu cacau (Sr. P., agricultor e dirigente evangélico, Pacajá).

Em termos de mudanças nas práticas de gestão da terra, houve vários relatos de diminuição do desmatamento e do plantio de arroz. A seguir, um relato significativo:

No início tinha influência de plantar arroz, feijão na palha do arroz em abril ou no baixão, produzia bem. Agora já não dá para plantar todo ano, tem muita praga [insetos e animais silvestres]. E por causa da proibição do IBAMA, não estamos podendo fazer na mata. Está

fracassado para lavoura branca! As chuvas estão vindo mais tarde, quando colhe arroz já perdeu o tempo para plantar o feijão. Parei de trabalhar com lavoura branca há muito tempo; deixo a mata para meus filhos. Nos últimos três anos coloco uma a duas linhas na juquira, planto milho, mandioca e macaxeira (Sr. S., agricultor pioneiro, Pacajá).

Na criação de gado bovino nos lotes menores (média de 50 ha), o pasto ocupa de 10 a 35 ha e o plantel próprio varia de 8 a 20 cabeças. Uma família tem mais de 30 cabeças no sistema de meia. Nos lotes de 87 a 500 ha, a pastagem pode ocupar de 9 a 140 ha e o plantel de 20 a 120 cabeças de gado. O interesse pela pecuária bovina tem justificativa nos retornos econômicos, mas também na afinidade pessoal pela lida com o gado e por considerar que o solo é mais favorável para a produção de pastagens.

As seis famílias que possuem maior percentual de floresta (50 a 83%) são aquelas que adquiriram outras terras que ainda não foram incorporadas à produção, e os filhos ainda não se instalaram; ou trata-se de famílias que tiveram ou têm outras fontes de renda extralote ao longo da trajetória, e têm poucos anos de instalação no lote atual, trabalhando com prestação de serviço de transporte, por meio de carro de linha próprio, como professores ou agentes de saúde.

## 2.6 LÓGICA SEIS: CRIAÇÃO BOVINA ESTABILIZADA

Neste caso, destaca-se a grande presença de filhos casados ou solteiros que moram com os pais ou têm lotes próximos, e que ajudam os pais com o trabalho. Há, nestes casos, tendência de permanência de filhos nos lotes e de sucessão hereditária. Geralmente a contratação de mão de obra externa se restringe à atividade de limpeza da pastagem e construção de cercas de arame.

Nove famílias, além de manterem o gado para venda da carne, também vendem o leite (laticínio, em Altamira) ou a massa de queijo (laticínio, em Pacajá) e, ainda, fabricam queijo ou requeijão para venda nas cidades de Altamira, Medicilândia e Anapu. A expectativa dessas famílias que trabalham com leite e subprodutos é a expansão do mercado local, com o aumento da demanda por estes produtos nas cidades, devido à construção da hidrelétrica de Belo Monte e às dinâmicas socioeconômicas envolvidas.

As áreas dos estabelecimentos familiares variam de 60 a 650 hectares, geridas pelas famílias, sendo que uma família paga mensalmente a um parente para trabalhar na ordenha das vacas e os demais utilizam o trabalho dos membros da família e esporadicamente contratam pessoas, principalmente para realizar a

limpeza das pastagens (roçada manual ou aplicação de herbicidas) e construção de cercas. As áreas das pastagens variam de 55 a 250 ha e o percentual de floresta varia de 2 a 66% (mediana de 29% de floresta).

As famílias que possuem maior percentual de floresta, de 45 a 66% da área do lote, são as que adquiriram outras terras mais recentemente, em outras vicinais, e que ainda estão plantando pasto. Uma família admite que ainda mantém 45% de floresta no lote, porque viveu 12 anos fora do mesmo, em outras atividades na cidade, e não investiram no lote neste período.

As dificuldades financeiras, de adaptação ao novo ambiente e de infraestrutura nos primeiros anos são relatadas, assim como a especialização na criação de gado:

Quando cheguei era muito brabo – o chamado arigó. Agora já acostumei com a mata, ninguém sabia nem derrubar a mata, era de machado, fui conhecer uma motosserra quando vi na mão do pessoal do INCRA. No Ceará era só de foice. Tive a fase dos plantios definitivos, agora é só gado. Sofremos, passamos fome, precisão; os filhos ficaram doentes e a mulher foi várias vezes para Altamira, sem dinheiro, só com um par de roupas para ficar quatro dias, lavava e vestia molhada, eu nem podia ir visitar (Sr. F. S., agricultor pioneiro, Medicilândia).

A criação de gado bovino e a expansão das oportunidades de mercado seriam a expressão de que as condições de vida melhoraram para a família e na localidade:

As coisas melhoraram porque muitos tiveram oportunidade de comprar gado. Comecei pegando 70 cabeças de gado a meia. Aumentou o movimento e a população. No lote instalei água encanada e a dois anos tem transporte escolar. Sempre fiz queijo para vender no travessão (20 kg por semana) e há 2 anos comecei com gado de leite e entrega para laticínio” (Sr. F. G., agricultor, Brasil Novo).

As mudanças na gestão da terra são enfatizadas pelas famílias, e confirmam que quando chegaram tinham a perspectiva de fazer roças grandes, no intuito de aumentar a área da pastagem, aproveitando a terra para plantar também cultivos anuais. Atualmente há diminuição deste ritmo, devido à pressão da fiscalização ambiental, à diminuição da área de floresta e à dificuldade de mão de obra:

Quando chegamos só tinha quatro alqueires de abertura, só tinha um capim quicuiu enjuquirado. Hoje tem 250 ha de pasto, sempre plantado com arroz. Quero dividir os pastos, roçar os pastos e colocar fogo, tirar as bolas de juquirá e replantar capim. Agora que estou plantando cacau na mata, tem que ter uma saída agora com essa questão de não desmatar (Sr. G., agricultor, Pacajá).

## 2.7 LÓGICA SETE: COMBINAÇÃO DE PEQUENAS RECEITAS

São onze famílias que estão de 3 a 24 anos em seus lotes, com maior dificuldade de estruturação de seus sistemas de produção, combinando pequenos valores de receitas advindas da fabricação de farinha, do gado, do plantio de cacau e de pimenta-do-reino, e com maior dependência dos cultivos anuais para a garantia da alimentação familiar.

As relações familiares e a baixa renda auferida pela atividade agrícola influenciam na opção pela saída dos filhos, incentivada pelos próprios pais, que acreditam na continuidade dos estudos dos filhos como melhoria de vida dos mesmos. Quanto aos projetos de permanência no estabelecimento agrícola, tem-se que duas famílias indicaram que querem permanecer e investir na mandioca e farinha, duas indicaram que pretendem permanecer e investir no cacau, três querem permanecer e investir no gado e cacau, uma quer ir embora devido à necessidade de tratamento de saúde e duas não conseguem ter projetos definidos.

Cinco famílias vendem a mão de obra para terceiros da localidade e sete complementam a receita com o recebimento de bolsa família. Estas receitas são utilizadas para compra de alimentos, de material escolar, roupas e pequenas despesas domésticas.

Nove famílias têm parcelas de cacau plantadas, sendo que seis famílias possuem pequenas receitas advindas do cacau, que tem pouca influência na renda familiar, por serem quatro parcelas pequenas (de 50 a 460 pés); e as demais são ainda novas e com baixa produção.

Nota-se, também, a importância de receitas advindas da venda de gado bovino, complementada com a venda da massa de queijo e o recebimento de bolsa-família. Para outras famílias destaca-se a produção de farinha, complementada com as receitas advindas do cacau e da pimenta-do-reino. A maioria tem necessidade de atividades extralote, como a venda de mão de obra em forma de diárias ou empreita de serviços como roçada de pastagens. Tem-se um caso em que o esposo é serrador de madeira com motosserra e uma família tem uma pequena mercearia, as quais se tornam as principais fontes de receitas.

Os cultivos anuais assumem maior importância nesta situação de menor renda familiar, em que a maioria das famílias faz seus plantios anualmente ou de dois em dois anos. Atualmente, os plantios de milho, feijão e arroz são direcionados para o consumo familiar, e o plantio de mandioca para a fabricação de farinha para consumo e comercialização. No ciclo agrícola<sup>1</sup> de 2008/2009, três

<sup>1</sup> O ciclo agrícola inicia-se nos meses de verão amazônico com a preparação da área para plantio (etapas de corte, derrubada, coivara e queima da vegetação), realizada de agosto a novembro.

famílias plantaram milho e mandioca na vegetação secundária (capoeira) e quatro plantaram arroz na floresta. No ciclo agrícola de 2009/2010, quatro famílias plantaram cultivos anuais na juquirá e dois na floresta e, no ciclo de 2010/2011, sete famílias decidiram fazer seus plantios na juquirá e dois prepararam a área de floresta para plantar arroz, em consórcio com cacau.

Não há mudanças nas práticas de corte e queima. O que se verificou foi a diminuição do tamanho das roças de cultivos anuais e o maior uso da vegetação secundária:

Não estou plantando arroz todo o ano, só de dois em dois anos. O cacau ainda não está produzindo para manter a família, por isto precisa plantar arroz e com uso do fogo, mesmo se não estão deixando (Sr. A. A., agricultor, Pacajá).

O endividamento identificado em seis das dez famílias é motivo de preocupação para as mesmas, pois não estão conseguindo renegociar suas dívidas com os bancos, sendo quatro famílias inadimplentes.

## 2.8 LÓGICA OITO: TERRA DE CACAU COMO RESERVA PATRIMONIAL

As famílias nesta lógica (quatro) têm forte variação nas áreas dos estabelecimentos agrícolas, de 19 a 89 ha, em solos de boa fertilidade química. Os lotes de 19 e 37 ha são compostos totalmente por terra roxa estruturada (nitossolos), sem floresta e pastagens (uma família tem dois hectares de pasto).

Essas famílias têm em suas trajetórias socioproductivas grande influência da criação de gado bovino e de outros cultivos permanentes como café e pimenta-do-reino, tendo, mais recentemente, decidido se dedicar ao cultivo de cacau, diminuindo o plantel ou abandonando a pecuária (três famílias). Para isto, duas famílias venderam os seus lotes de 100 e 150 ha, grande parte em pastagem, para comprar lotes de 20 e 40 ha situados em solo classificado como terra roxa. Estes lotes menores são desmembramentos de lotes de 100 ha concedidos pelo INCRA no período da colonização (década de 1970), às vezes já possuindo parcelas de cacau plantadas. Esta mudança trouxe alteração no uso tradicional da terra, devido não existir áreas de floresta para plantar espécies anuais, como o arroz; e o plantio de cacau substituiu o pasto e a juquirá:

Quando tinha o lote de 100 hectares, trabalhava com gado, mas a terra era fraca, trabalhávamos muito com arroz e para os outros; com a chácara nos

---

O plantio de cultivos anuais nesta área ocorre no inverno amazônico, a partir de dezembro. A colheita do arroz pode se estender até junho do próximo ano. Por isto, dá-se o nome de ciclo agrícola, iniciado em um ano e finalizado no ano seguinte.



dedicamos mais ao cacau e lavoura branca para consumo, principalmente o feijão do sul, que sai bem na terra roxa. Quando chegamos na chácara só tinha juquirão [capoeira] ao redor da casa. Eu me sinto abalada por não poder plantar arroz, é o costume da gente. Tenho que comprar milho, arroz, feijão, isto não é tradição da roça (Sra. M. A, agricultora, Medicilândia).

Os projetos familiares têm forte ligação com a melhoria de vida dos filhos, geralmente os pais entendem que com o cacau há maior possibilidade de manter os filhos na agricultura e próximos deles. Há uma família que repassou parcelas de cacau para os filhos adultos colherem totalmente para si ou de meia; outra comprou outro terreno para plantar cacau e repassar parcelas para os filhos.

Na região de Medicilândia, notadamente nas agrovilas e nas proximidades da cidade, há expansão do processo de “chacarização” em áreas de solo tipo terra roxa, em que lotes de 100 ha são subdivididos em chácaras a partir de 1 ha, para plantio de cacau e moradia das famílias oriundas das vicinais.

Eu quero permanecer no lote, investir no cacau e dar um pedaço para cada filho que quiser ter sua área de cacau. A mulher [57 anos] já deu entrada na aposentadoria e no final do ano eu [59 anos] vou entrar com pedido. No próximo ano quero preparar quatro alqueires de terra para plantar o cacau no lote novo, quero usar trator de esteira para quebrar a juquirá e na mata rala e plantar. Já fiz o cálculo e fica mais em conta do que pagar trabalhadores. Vou dar dois alqueires de cacau para os filhos solteiros e dois serão para nós com o filho mais novo (Sr. F. C., agricultor, sindicalista, Medicilândia).

As quatro famílias desenvolvem sistemas mais intensivos em suas parcelas de cacau, sendo que uma família participa da cooperativa de cacau orgânico, tendo comercializado com preços sempre acima da média, em 2011.

O plantio do cacau sem o uso do fogo também foi experimentado por três famílias, influenciadas principalmente pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Medicilândia, por meio do projeto “Roça sem queimar”, depois incorporado pelo programa Proambiente/Ministério do Meio Ambiente, que orientaram experiências de plantio de cacau sem o uso do fogo, em áreas de juquirá ou floresta, assim como outras técnicas alternativas ao sistema de corte e queima ou que, pelo menos, diminua o desmatamento.

As rendas externas advindas de salário como agente de saúde, para duas destas famílias, facilitam pela segurança da renda mensal, mas a menor presença de membro familiar no estabelecimento e a necessidade de compensar parte desta ausência com a contratação de trabalhadores ou diminuição dos demais plantios e o trabalho com o gado bovino e pastagem é uma queixa manifestada. Verifica-se que os dois casos que apresentam receita via salário são os que mantiveram um maior percentual de floresta em seus estabelecimentos agrícolas.

### 3 AS LÓGICAS DE REPRODUÇÃO SOCIAL E OS PROCESSOS AMBIENTAIS E SOCIAIS RELACIONADOS

Os dados quantitativos da ocupação do solo em suas principais classes de vegetação por cada lógica de reprodução social são apresentados na Tabela 1. Nesta tabela apresentam-se os dados da média de anos das famílias no lote, a média de área dos estabelecimentos, as médias das áreas ocupadas por floresta, pasto, juquira (capoeira), cultivos definitivos (cacau) e as referências sobre o rebanho bovino. A ocupação atual do solo reflete as decisões familiares em termos de trajetória de seus sistemas de produção, e os projetos de longo prazo almejados para a atividade agrícola, geralmente são centrados na consolidação da produção de gado bovino ou cultivo definitivo – ou em ambos. Os aspectos materiais da reprodução social são enfatizados na definição das lógicas, porque as decisões familiares ao longo de suas trajetórias foram fortemente guiadas pelo objetivo de reprodução social via atividades agrícolas e não agrícolas.

As famílias que adotam a lógica de assegurar filhos no lote e a criação bovina estabilizada (lógica seis) destacam-se pela área de pastagem, maior área total de estabelecimento e menor área de vegetação secundária (capoeira/juquira), visto que são aquelas famílias que mais se dedicam à criação bovina e têm como objetivo acumular terra e formar pastagens para aumentar o rebanho. Essas famílias estão receosas quanto à restrição de uso do fogo para limpeza dos pastos, e insistem na necessidade de novas técnicas para recuperação de suas pastagens.

As lógicas correlacionadas à aposentadoria com produção estagnada (lógica dois), a lógica da combinação de pequenas receitas (lógica sete) e a lógica da terra de cacau como reserva patrimonial (lógica oito) destacam-se pelas medianas menores de área total do estabelecimento, sendo que a lógica oito tem claramente a estratégia de permanência na agricultura e instalação dos filhos a partir do cultivo de cacau em solos naturalmente mais favoráveis e com uso de insumos externos como adubos minerais.

A lógica da combinação de pequenas receitas (lógica sete) tem lotes que variam de chácaras de 3 ha a lotes de 95 ha. Nos lotes maiores há expressivo percentual de pastagens degradadas, acúmulo de vegetação secundária em pousio, que era utilizada para plantio de mandioca, e três famílias têm pequenas reservas de floresta (duas tem 2% e uma tem 15% do lote) e uma não tem floresta. Foram estas as famílias que expressaram maior dificuldade em definir os projetos produtivos e a própria permanência no lote e na agricultura.

Tabela 1: Dados quantitativos referentes às oito lógicas de reprodução social das famílias entrevistadas.

Tipos	Média										Principais receitas agrícolas
	Anos no lote	Área do lote (ha)	Área de mata (%)	Área de mata (ha)	Área de juqueira (ha)	Área de pasto (ha)	Cacau (pés)	Área de cacau (ha)	Gado bovino próprio (cabeças)	Gado pego à meia (cabeças)	
Sucessão hereditária e produção dinâmica	34	93	22,3	21	13	53	4326	5,2	43	6	gado bovino
Aposentados com produção estagnada	25	56	22,6	18	10	25	3504	2,8	9	0	cacau, gado bovino
Sistema gado-cacau e receitas não agrícolas	28	215	26,1	52	2	125	27003	27,7	173	0	gado e cacau
Produção de farinha de mandioca em parceria	16	57	27,6	19	14	22	33	0,0	3	0	farinha
Gado para sustento e cacau em ascensão	18	117	43,7	61	10	37	6819	8,8	23	4	gado
Criação bovina estabilizada	16	224	31,0	86	9	120	1012	1,2	96	31	gado
Combinação de pequenas receitas	15	50	38,9	23	10	12	1703	1,9	10	5	gado, cacau, farinha, macaxeira
Terra de cacau como reserva patrimonial	21	53	26,6	20	7	10	6854	7,9	5	0	cacau

Fonte: Pesquisa de campo (2011).

A diminuição do desmatamento afeta o plantio de arroz. Para alguns, isto ocorre devido à diminuição do tempo de trabalho, com a saída dos filhos e o cansaço ou doença dos pais. Para outros, a motivação para diminuição do ritmo de desmatamento é a diminuição da própria área de floresta, passando a utilizar a vegetação secundária (capoeira) para plantios de áreas menores.

Para as famílias da lógica da criação bovina estabilizada (lógica seis), a prática do desmatamento tende a continuar, para garantir o plantio dos cultivos anuais e o aumento da área de pastagem, já que a mata queimada oferece maior produtividade em curto prazo.

Preciso de mais pasto, talvez tenha que ir derrubando aos poucos para fazer roça e deixar pasto. No momento estamos fazendo roça no lote dos vizinhos e de parentes. Não me animo muito com cacau, gosto mais de milho e feijão porque dá para formar juquirá rápido e o cultivo sai bem, dá para plantar várias vezes (Sr. F. S., agricultor pioneiro, Medicilândia).

Verifica-se que, apesar do maior acesso aos benefícios sociais, como aposentadorias e pensões, se não houver a permanência dos filhos e netos nos lotes ou instalados na agricultura, os casais idosos tendem a sair do meio rural, porque perdem a capacidade e o interesse pela produção. E, como geralmente ficam acometidos por alguma doença ou limitação física, almejam a mudança para as cidades ou vilas, para terem menor dificuldade para acessar os serviços de saúde e ficarem próximos dos parentes.

A lógica seis evidencia que o aumento do desmatamento está relacionado ao sistema extensivo de criação bovina existente na região. No entanto, foi verificado pela lógica três que este ritmo de desmatamento diminui quando as trajetórias do sistema de produção incluem os cultivos permanentes (cacau e pimenta-do-reino) como importantes fontes de receitas e de capitalização das famílias.

Outro grupo de famílias que conseguiu poupar a floresta, foi aquele que desenvolveu atividades extralote por longo tempo, como os que recebem salário (professor e agente de saúde) ou desenvolvem alguma atividade anexa, como carpinteiro, serrador, carro de linha, trabalhador em usina de arroz e mercearia.

A capitalização via criação bovina ou cultivos permanentes também pode levar ao acúmulo de terra, pela compra de outros lotes na própria localidade ou em outras. Existe um grupo de famílias que possui grande área de floresta adquirida há poucos anos e está planejando expandir a área de pastagem.

A diminuição do uso da floresta para plantio dos cultivos anuais e definitivos, além da pastagem, não tem necessariamente ligação com a pressão exercida pela fiscalização para cumprimento da legislação ambiental e para regularização via

licenciamento ambiental das atividades agropecuárias. Como consequências da pressão da fiscalização ambiental, 14 famílias admitiram que houve diminuição da área desmatada para cultivos em seus estabelecimentos; nove famílias diminuíram o uso do fogo nas pastagens e de queimadas em geral, e outras cinco admitiram que a consequência da pressão legal foi o não desmatamento. As demais famílias declararam que não houve consequências aparentes em sua forma de trabalhar.

Quanto às práticas produtivas utilizadas para continuar realizando o plantio de cultivos anuais e diminuir o uso da floresta no sistema de corte queima, foi constatado que 11 entrevistados – sendo seis na localidade do 85 Norte – disseram que pararam totalmente de plantar os cultivos anuais e, dentre os motivos, estão a existência de pouca floresta no lote, escassez de mão de obra familiar e por não compensar economicamente.

Das 12 famílias que pararam de plantar roça de lavouras brancas, principalmente o arroz, tem-se 11 famílias que compram arroz o ano todo, e uma que não compra porque os filhos fazem o plantio na terra de vizinhos e ficam com parte da produção de arroz.

Para as famílias que já têm pouca área de floresta, a prática mais utilizada foi o uso da capoeira para plantio de milho e feijão, muitas vezes com diminuição do tamanho da parcela, já que o objetivo é garantir pelo menos parte da necessidade do consumo familiar.

A diminuição do tamanho da área de roça foi citada como opção à baixa disponibilidade de floresta no lote, necessitando restringir o tamanho da parcela, mesmo com prejuízos na produção, muitas vezes insuficiente para assegurar o consumo familiar e das pequenas criações. Dezesete famílias afirmam ter diminuído os tamanhos de suas roças de cultivos anuais e nove delas precisaram comprar arroz ao longo do ano. Das 19 famílias que fazem roças utilizando o corte e queima da capoeira, 15 disseram que precisam comprar arroz para o consumo.

Pode-se compreender a formação da experiência social na combinação de três lógicas de ação: das estratégias socioprodutivas e suas formas de exploração dos elementos do meio natural (estratégica); da adesão ou resistência às regras formais e as formas de justificação da permanência do sistema sociotécnico local (integração social); e dos projetos escolhidos e o lugar dos objetivos relacionados ao futuro dos filhos nas lógicas de reprodução social construídas pelos agricultores (subjetivação).

A reprodução social dos agricultores familiares da região da rodovia Transamazônica é produzida a partir de combinações das lógicas de ação estratégica, subjetiva e de integração social. A ação estratégica visa garantir as

condições materiais para reprodução social dos grupos familiares, incluindo o uso do meio natural, que incorpora as percepções sobre a fertilidade e as práticas produtivas.

A ação também se orienta pela subjetividade, a partir dos projetos familiares almejados e da visão que se tem sobre a situação e do que os cerca, assim como pelas suas justificativas para as escolhas realizadas, como a adesão às regras institucionalizadas.

As lógicas de reprodução social apresentadas neste estudo combinam estratégias individuais (engloba, no máximo, as relações de parentesco e de vizinhança), que visam garantir as condições materiais em curto e longo prazos, bem como a objetivos que podem incluir a garantia da sucessão hereditária ou a instalação dos filhos em terra própria ou em outra profissão. Entretanto, nem sempre foi percebido o objetivo dos pais pela instalação dos filhos como projeto familiar bem definido, seja devido à precária condição econômica familiar ou à visão patrimonial dos pais e filhos.

A combinação das condições materiais, a compreensão da situação socioeconômica familiar e local e o uso do meio natural em sua diversidade de conhecimentos e percepções, levam às lógicas de reprodução social que destacam a visão mais estratégica para a produção e a exploração das potencialidades imediatas do meio natural, reforçadas por um sistema econômico voltado para o mercado de poucos produtos agropecuários.

A reprodução social dos agricultores familiares nesta região da rodovia Transamazônica parece estar relacionada a três processos. O primeiro diz respeito à consolidação do sistema de produção na criação de gado bovino e cultivos permanentes, notadamente o cacau, favorecido pelo contexto socioeconômico que prioriza as vantagens econômicas e a exploração predatória do meio natural. Outro processo identificado trata da possibilidade de instalação dos filhos na agricultura; e da continuidade da relação que assegura o apoio entre parentes e dos filhos com os pais. Por fim, o terceiro processo essencial para a melhoria de vida da população rural na região é a manutenção da infraestrutura e organização local, que favorecem a permanência das famílias e das relações sociais comunitárias, assim como o fluxo de recursos monetários advindos dos salários, prestação de serviços e receitas não agrícolas.

Os elementos estratégicos estão diretamente ligados à reprodução material, ou seja, as famílias visam à obtenção de condições materiais, por meio de sistemas de produção estabilizados ou receitas não agrícolas que assegurem os projetos familiares e seus objetivos. Portanto, as ações seguem uma perspectiva estratégica quando visam garantir as condições materiais para reprodução social

do grupo familiar, incluindo as formas de uso do meio natural. As trajetórias construídas regionalmente denotam a centralidade das estratégias produtivas nas lógicas de reprodução social, e como social e natural influenciaram neste processo.

As lógicas de ação que estruturam as experiências sociais não são apenas orientações normativas, mas são definidas também por relações sociais, justificadas em relação ao sistema social mais amplo, que reforçam a manutenção de determinadas práticas socioprodutivas ou, por outro lado, podem influenciar nas suas mudanças ou transformações mais profundas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As mudanças nas práticas socioprodutivas são produtos da combinação de mudanças nestas lógicas de ação que constituem a experiência social. As mudanças socioprodutivas julgadas como duradouras e que evitam novos desmatamentos foram verificadas em certas trajetórias familiares que já tenham pequeno percentual de floresta, ou que não têm força de trabalho suficiente para investir em novos cultivos, devido ao envelhecimento e saídas dos jovens ou, ainda, aquelas famílias que chegaram a certo nível de descapitalização, que mantém o sistema de produção sem aumento da área plantada.

As mudanças nas lógicas de reprodução social e nas práticas socioprodutivas estão diretamente relacionadas às dinâmicas socioeconômicas, no contexto mais amplo, que ainda favorecem ao aumento do desmatamento, porque é a partir deste que se assegura a obtenção de vantagens econômicas imediatas. Assim, determinadas mudanças nas práticas socioprodutivas não estão atreladas ou influenciam diretamente na mudança de percepções ambientais, de se repensar a relação com o meio natural. A eliminação das práticas da queimada e do desmatamento, por exemplo, pressupõe mudanças muito mais profundas no sistema de disposição das pessoas, pois estão justificadas por um sistema social e econômico mais amplo, que tem implicações na forma de perceber e lidar com o meio natural. Faz-se necessário um contexto socioeconômico diferenciado das atuais relações econômicas, técnica e organizacional.

## REFERÊNCIAS

CASTELLANET, C.; SIMÕES, A.; CELESTINO, P. **Diagnóstico preliminar da agricultura familiar na Transamazônica**. Indicações para pesquisa e desenvolvimento. Belém: Embrapa/CPATU, 1998.

DUBET, F. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

RAYNAUT, C. **Sahels: diversité et dynamiques des relations sociétés-nature**. Paris: Karthala, 1997.

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento e as lógicas da mudança: a necessidade de uma abordagem holística. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 1, p. 81-104, 1994.

SABLAYROLLES, P.; ROCHA, C. (Orgs.). **Desenvolvimento Sustentável da Agricultura Familiar na Transamazônica**. Belém: AFATRA, 2003.

Texto submetido à Revista em 06.12.2012  
Aceito para publicação em 13.04.2013